

Voyeurismo e sua Representação no Cinema¹

Bruna Fileti BITTENCOURT²

Nádia LEBEDEV³

Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo apresenta o personagem Voyeur dentro do cinema contemporâneo. O voyeurismo parece ser representado no audiovisual, simplesmente, como um transtorno onde as pessoas sentem curiosidade sobre a intimidade alheia. Contudo, é muito mais do que uma simples curiosidade. Voyeurismo é uma doença diagnosticada como transtorno sexual e sua representação, enquanto personagem (Stanislavski) da cultura (Baitello) no Cinema, colabora para a construção da imagem do Voyeur.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; voyeurismo; cultura; imagem; personagem.

1. Voyeurismo e sua representação no Cinema

É observável que dos filmes que abordam o tema Voyeurismo dentro de seu contexto maior, são filmes voltados para ficção científica. Segundo Causo (2003), o termo “ficção científica” indicaria o que caracteriza nuclearmente o gênero: a especulação sobre os limites da noção de real. O gênero tem origem no começo do século XX, advindo da literatura, chegando aos cinemas e eternizando seu legado a partir da década de 70, com o lançamento de franquias como *Star Wars*.

Porém, dentro do próprio gênero (CAUSO, 2003), podemos encontrar subgêneros, estes por sua vez carregando particularidades e “limites de realidade” bem diferentes uns dos outros. Desses subgêneros, podemos destacar a distopia – geralmente caracterizada por sociedades submissas a um Estado, em ambientes pós-apocalípticos, uma de suas principais referências é o livro *1984* de George Orwell –, a ficção robótica (como o próprio nome diz, onde robôs tem papel fundamental da história), horror (a franquia *Alien* é um bom exemplo) e *space opera* (narrativas centradas no espaço ou ambientes intergalácticos).

O Voyeur da vida real é visto como uma psicopatologia, ou seja, um transtorno sexual. Na maior parte das vezes, pessoas que sofrem deste tipo de transtorno não costumam ter

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – COMUNICAÇÃO AUDIOVISUAL do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

² Graduada do Curso de Rádio, Televisão e Internet da UAM-SP, email: bruna.fileti@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Rádio, TV e Internet da UAM-SP, email: nadialebedev@gmail.com nmmoreira@anhembi.br

relações diretas com outras pessoas, mas sim, as observa em seus momentos íntimos. Em geral, o voyeurismo é caracterizado basicamente pelo desejo e prazer que um indivíduo tem em observar outra pessoa em seus atos íntimos sem o consentimento do observado. O cinema aborda tal assunto de diversas formas e níveis, tendo ou não o foco principal no ato voyeur. Mas a forma em que esta representação é construída e exibida na tela corresponde à realidade?

Quando falamos em voyeur real, referimo-nos às pessoas que vivem em nossa sociedade e vivencia o transtorno sexual conhecido como Voyeurismo. Segundo o psicólogo Arlindo Salgueiro (GOMES; STERQUE, 2002), até mesmo aquelas pessoas que têm prazer em focar sobre a vida alheia tem traços de voyeurismo. Isso pode ser afirmado basicamente pelo fato de que o significado de voyeurismo, uma palavra de origem francesa, é o desvio de uma conduta sexual considera normal pela sociedade, na qual seria o ato de observar a intimidade alheia sem consentimento.

A prática de voyeurismo além de invadir a privacidade pode acarretar à perseguição e obsessão. Nestes casos, observamos que o voyeur sabe inúmeros detalhes sobre a vida do observado, informações que apenas pessoas íntimas saberiam. E, em casos extremos, para o voyeur, o ato de espiar a vida íntima de alguém é a única forma de relação sexual, ou seja, única forma de conseguir chegar a seu ápice de prazer pessoal.

Ainda segundo Arlindo Salgueiro, o voyeurismo, na maior parte das vezes, nasce da insatisfação sexual pessoal e da falha de percepção dos sentimentos, ou seja, as pessoas denominadas voyeur se projetam nas outras, a fim de assim, obter uma satisfação pessoal. Basicamente, uma fantasia onipotente. Fantasia onipotente significa que a pessoa, por si só, consegue tudo, inclusive garantir a realização e satisfação de sua fantasia e desejos.

A sexualidade humana é hoje, um assunto importante e comentado pela sociedade, afinal, é considerado uma das coisas mais importantes na vida pessoal. Aliado a essa grande importância que a sexualidade exerce na sociedade, os transtornos sexuais surgem. O termo correto empregado para estes tipos de distúrbio é *parafilia* (MURIBECA, 2009) e os estudos que giram em torno disso, têm como objetivo maior conhecer e compreender o erotismo de todas as formas possíveis. E para que se inicie este tipo de estudo é essencial entender que as *parafilias* não são apenas sexuais, mas sim, existem em inúmeras formas de expressão e estimulação, no qual o voyeurismo é um destes tipos de distúrbio.

De acordo com Vitello (In: MURIBECA, 2009), presidente da Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana, o voyeur pode ser categorizado em:

I. Clássico: O voyeur clássico é aquele que gosta de espionar por detrás de janelas, fechaduras e frestas.

II. Moderno: Este tipo de voyeur costuma-se estar presente fisicamente em frente à pessoa observada. Um exemplo clássico é a o prazer do voyeur em assistir a namorada tendo relação com outra pessoa.

III. Tecnológico: Como a própria categorização diz, o voyeur tecnológico tem prazer em assistir virtualmente.

Levando em conta todas as possíveis formas de voyeurismo e seu conceito real, o cinema toma posse desta discussão e coloca na tela personagens deste núcleo. Porém, diferentemente da vida real, o filme é uma ficção que, por mais que aborde temas reais, muitas vezes, sua dramatização e representação foge do real.

A criação de um personagem fictício para o cinema leva, principalmente, em conta qual será a dramatização daquele personagem para aquela história. O que aquele personagem quer? A necessidade de ser completamente convincente faz com que algumas vezes, o personagem acabe caindo no estereótipo ou, se necessário, possua apenas parte da veracidade, e outra parte não, para que o arco do personagem e sua história mantenham-se dentro do objetivo final do projeto cinematográfico.

A representação, portanto, é o ato de dar características humanas ao abstrato, como por exemplo, humanizar um personagem fictício de um filme. Porém, o cinema também é a abertura para a imaginação. Então, até onde vai a veracidade do personagem que vemos nos cinemas com um voyeur real?

2. O personagem

Compreende-se por personagem um ator que usa seu corpo como instrumento de personificação para uma história. Observável em diversas esferas artísticas e midiática, como na literatura, na música, nos videogames, no teatro, na televisão e no cinema. Como explica Stanislavski:

A caracterização, quando acompanhada de uma verdadeira transposição, é uma grande coisa. E como o ator é chamado a criar uma imagem quando está em cena e não simplesmente a se pavonear perante o público, ela vem a ser uma necessidade para todos nós. Noutras palavras, todos os atores que são artistas, os criadores de imagens, devem servir-se de caracterizações que os tornem aptos a se encarnar nos seus papéis. (STANISLAVSKI, 2009, p.60).

A preparação do ator interfere na concepção do universo representado, tanto que é comum realizar laboratórios anteriormente como uma forma de “mergulhar” na vivência do

personagem que será apresentado ao público. Ao captar suas vivências particulares o ator internaliza a experiência, estudando o indivíduo que irá representar, como no caso da representação de um personagem voyeur. Tal como STANISLAVSKI (2009), isto significa, ainda, que não pode haver atuação, movimento, gesto, pensamento, fala, palavra, sentimento etc. etc., sem a sua devida perspectiva.

O processo de construção do personagem na cinematografia é de responsabilidade da equipe que elabora o enredo a ser contado. No caso dos personagens voyeurs apresenta-se características de um determinado grupo social específico, onde há miscigenação do real com o ficcional, ou seja, uma personalidade retratada na narração:

Outros três termos que devemos levar em conta no desenho do perfil de uma personagem são: veracidade, verossimilhança e realidade. Sendo as personagens seres ficcionais, elas não são reais, todavia devem ocasionar a sensação de realidade com porções de verossimilhança e alguma veracidade. (COMPARATO, 2009, p.68).

Diversos filmes tratam, de alguma forma, o voyeurismo. Num certo sentido, o próprio cinema é uma concretização do voyeurismo por si só, assim como a televisão. E atrelado ao conceito da palavra, muitos filmes trabalham de forma direta ou não o transtorno voyeur.

Filmes como *Tortura do medo* (1960), de Michel Powell, *A conversação* (1974), de Francis Ford Coppola, *Um tiro na noite* (1981), de Brian de Palma, *A vida dos outros* (1983), de Florian Henckel von Donnersmarck, *Um homem meio esquisito* (1989), de Patrice Leconte, *Caché* (2005), de Michael Haneke, entre outros diversos exemplos audiovisuais que abordam o voyeurismo clássico, moderno ou tecnológico, de forma realista ou estereotipada, real ou fictício.

Dentre estes filmes, encontra-se *Janela Indiscreta* (1954), do diretor Alfred Hitchcock, que aborda o assunto em relação metafórica ao cinema, ou seja, o espectador que está sentado em uma sala de cinema é, parcialmente, um voyeur do dispositivo cinematográfico. Mas também é claro, trabalha os conceitos de voyeurismo no personagem principal.

No filme de Hitchcock, nos desfrutamos de cenário de um prédio, onde os moradores estão em constante movimentação, vivendo suas vidas. Dentre estes moradores, encontramos um compositor frustrado, uma bailarina, uma mulher solitária, um casal extremamente apaixonado e um fotógrafo desempregado de cadeira de rodas, Jeff.

Jeff, é o personagem que traz o voyeurismo como uma das principais questões do filme. Um fotógrafo entediado que começa a utilizar sua câmera para espionar seus vizinhos. Fora este seu passatempo, Jeff é frequentemente visitado por sua namorada e também por sua enfermeira.

Em contexto geral, Jeff inicialmente espionava seus vizinhos pela janela utilizando seus equipamentos de fotografia apenas para distrair-se do tédio. Contudo, começou a criar vínculo e prazer ao saber da vida alheia. O ápice de sua representação é quando começa a desconfiar que um de seus vizinhos matou sua esposa. E a partir daí sua vida muda completamente e começa a girar em torno deste acontecimento. Aumentando cada vez mais seu fascínio pela vida de seu vizinho e sua desconfiança de assassinato, Jeff se torna extremamente obcecado pelo suposto assassino.

Segundo Freud (In: MURIBECA, 2009), o voyeurismo é um fenômeno de pulsão escópica inerente à natureza humana, ou seja, pode se manifestar em qualquer um de diferentes formas e tudo isso depende da experiência de vida da pessoa. Seguindo a perspectiva de pulsão escópica, Freud explica que antes mesmo de um voyeur se satisfazer ao observar o outro, ele se satisfaz ao observar a si mesmo no ato de olhar para o outro. Isso significa que, o indivíduo enxerga partes de si mesmo enquanto observa o outro. Assim, enquanto Jeff observava a vida de seus vizinhos, de forma reversa, sentia o prazer em observar a si mesmo.

No caso de *Os Condenados* (2007), dirigido por Scott Wiper, definitivamente não é um filme feito para agradar a todos. Um filme violento e clichê, que tem como base o conceito voyeur. A história conta com alguns prisioneiros que são convidados para participar de um programa de TV. Sem saberem exatamente como seria, os prisioneiros são levados para este programa e então, são obrigados a lutar um contra os outros. Tudo isso era transmitido virtualmente para os espectadores do mundo todo e então, de forma a engajar um número maior de acessos em suas transmissões, o produtor do programa busca prisioneiros de todos os cantos do mundo, para que sempre tenha para quem torcer, independente de que continente o espectador seja.

Neste filme, a representação do voyeur está em segundo plano, atrás da representação da dependência tecnológica. Contudo, apesar de discreta, o personagem voyeur existe. Não muito bem personificado, os cyberespectadores não possuem o intuito de prazer ao observar o outro. Tal atividade parece ser feita por puro entretenimento, mas o conceito de voyeurismo ainda os caracteriza, simplesmente pelo prazer, seja ele sexual ou não, de observar o outro. A televisão é, possivelmente, a mídia mais voyeurista de todas, graças a seus programas como reality shows, o voyeurismo televisivo está presente o tempo todo na sociedade.

Assim, levando em conta a definição de Vitello (In: MURIBECA, 2009), os espectadores do programa de TV são, não tão bem caracterizados, voyeures tecnológicos. E assim como este filme, podemos citar também *Arena* (2011), dirigido por Jonah Loop,

também aborda o voyeurismo em segundo plano, onde os espectadores do programa são caracterizados de forma comum e estereotipa. Comum pelo simples fato de que o voyeurismo não é um transtorno de entretenimento e sim um distúrbio sério e que pode ocasionar obsessão e insanidade. Estereotipa pelo simples fato de não levar em consideração, por completo, os conceitos de um voyeur tecnológico. Talvez porque não fosse o foco principal da discussão, ou talvez pela vantagem que o cinema nos oferece chamado imaginação.

Outro filme que não posso deixar de citar sua função em colocar o assunto voyeur em questão nas telas do cinema é *De longe te observo* (2016), dirigido por Lorenzo Vigas.

Um filme atual que aborda um tema clássico de forma objetiva e principal. Sem mais delongas, este filme pode ser comparado com *Psicose* (1960), de Alfred Hitchcock, pois concretiza de forma real o voyeurismo no cinema.

Uma representação realista e objetiva, o personagem Armando, em *De longe te observo*, é um voyeur moderno. Um simples homem, dono de um laboratório de próteses dentárias paga para que rapazes o acompanhe até sua casa e, diante da nudez dos mesmos, o personagem se masturba até chegar assim, em seu ápice de prazer sexual. Mas um dia, quando Armando oferece dinheiro em troca dos serviços de Eder, um garoto qualquer, líder de uma gangue local, tudo é diferente. Eder chega na casa de Armando e ao invés de cumprir com o combinado, ele agride Armando e foge com o dinheiro. Desde então, a obsessão de Armando aumenta cada vez mais por Eder, a nível de persegui-lo dias depois do primeiro ocorrido.

Neste caso, Armando é a representação correta de um voyeur. Para sua satisfação pessoal, precisa observar pessoas em seus momentos e situações íntimas com ou sem seu consentimento e, como dito por Arlindo Salgueiro (GOMES; STERQUE, 2002), em alguns casos, o voyeurismo pode alcançar um nível onde a obsessão pelo outro é tão grande que a perseguição pode acontecer.

Assim como em *Psicose*, de Hitchcock, onde o personagem Norman Bates é caracterizado como um voyeur compulsivo ao extremo. Típico caso onde a obsessão toma conta da vida da pessoa e então ela para de viver para ser voyeur e passa a ser voyeur para viver. Como definido por Vitello (In: MURIBECA, 2009), Norman Bates pode ser considerado um voyeur clássico, onde ele observa a intimidade alheia sem consentimento. E, por vezes, torna-se fascinado por aquela pessoa até seu momento psicótico tomar conta e, neste caso, matar.

Considerando-o como um caso extremo, um dos personagens mais clássicos que encontramos hoje na história do cinema, Norman Bates chega a passar da realidade de pelo

menos a maioria dos voyeurs. Além de voyeurismo, o personagem sofre de psicopatia, sendo capaz de matar por prazer. De certa forma, a representação deste clássico personagem voyeur, está forçada, contudo, não estereotipada. Já que os voyeurs raramente matam, isso não se enquadra no perfil e conceito para este público. Contudo, o ponto que leva ao assassinato é a espionagem, observação dos hóspedes sem autorização em seus momentos íntimos. E isso, sem questionamento algum, faz parte da representação de um voyeur.

3. A imagem do voyeur

Nise da Silveira, no seu livro *Imagens do inconsciente* (1981), reflete sobre as imagens arquetípicas na esquizofrenia e, calcada em Carl Gustav Jung – ao qual se refere a todo o momento em sua obra –, afirma que a raiz de certas imagens recorrentes não só nos relatos dos esquizofrênicos, mas também nos sonhos e fantasias de pessoas normais, está nos mitos, contos e diversos outros produtos da cultura humana, portanto é possível pensar/pesquisar de forma análoga. A autora afirma que na camada mais superficial do inconsciente pessoal “(...) fervem emoções sufocadas, desejos, conflitos reprimidos” (SILVEIRA, 1981, p.138), e que nos estratos mais profundos:

(...) segundo Jung, existem disposições funcionais herdadas inerentes à própria estrutura psíquica, matrizes onde tomam forma representações correspondentes a experiências primordiais da humanidade, revividas sob aspectos diferentes pelo homem de todos os tempos. Devido ao seu caráter universal, Jung denominou essas camadas mais profundas da psique *inconsciente coletivo*, e *arquétipos* às disposições herdadas para produzir imagens e pensamentos similares em toda parte do mundo e em todas as épocas. (SILVEIRA, 1981, p.38)

Trata-se de ligação profunda entre o mundo externo e o mundo interno do corpo do indivíduo onde: “A psique humana não pode funcionar sem a cultura e o indivíduo não é possível sem a sociedade.” (SILVEIRA, 1981, p.106) Portanto, essas representações mais profundas que compõem o inconsciente coletivo são imagens presentes no inconsciente dos vários indivíduos, partilhadas em sociedade e, como a própria psiquiatra afirma, são *irrepresentáveis virtualidades* que irrompem do inconsciente e contaminam o consciente. Não parece equivocado afirmar que as imagens audiovisuais dos personagens voyeurs podem afetar o âmbito social, mais especificamente a compreensão que o telespectador terá do voyeurismo.

Convém destacar nesse momento o que se reconhece por *imagem* e por *cultura* no presente artigo. Parte-se da ideia de uma mútua afetação dos dois conceitos e que ambos colaboram para uma construção do consciente/inconsciente do indivíduo e do coletivo, no

caso desta pesquisa, a imagem do voyeur. Imagem não é a exata cópia de objetos externos, mas, como explica Nise da Silveira:

(...) produto da função imaginativa do inconsciente, que se manifesta de maneira súbita, mas sem possuir necessariamente caráter patológico, desde que o indivíduo a distinga do real sensorial, percebendo-a como imagens internas. Na qualidade de experiência psíquica, a imagem interna será mesmo, em muitos casos, mais importante que as imagens das coisas externas. Acentuemos que a imagem interna não é um simples conglomerado de conteúdos do inconsciente. Constitui uma unidade e contém um sentido particular: expressão da situação do consciente e do inconsciente, constelados por experiências vividas pelo indivíduo. (SILVEIRA, 1992, p.82)

Assim, a palavra imagem não se refere a um padrão visual pois a imagem não é estática, como explica Damásio em *O mistério da consciência* (2011): “As imagens de todas as modalidades ‘retratam’ processos e entidades de todos os tipos, concretos e abstratos (...) e às vezes imprecisamente, às vezes não, as relações espaciais e temporais entre entidades, bem como as ações destas.” (DAMÁSIO, 2011b, p.402). Portanto, imagens são essenciais na composição da consciência: “(...) a consciência dá a sensação de ser um sentimento e, se dá essa sensação, pode muito bem ser um.” (DAMÁSIO, 2011b, p.394). É um sentimento completamente voltado ao conhecer, assim, conhecemos por imagens, ou seja, a imagem midiática, a imagem do cinema, leva ao conhecer. Conhecer inclusive componentes da cultura, tal como o voyeur.

O que foi estudado e compreendido como cultura – onde essas imagens arquetípicas se manifestam em seu aspecto social, coletivo – não é apenas um cenário (BAITELLO, 1999, 2004, 2010, 2014). Trata-se de processos sociais e históricos complexos, que a própria etimologia da palavra carrega, como estudado por Baitello em suas pesquisas. A cultura carrega em si a complexidade da formação dos *ambientes culturais*. Do latim, o adjetivo *cultus* significa elegância, esmero, associado a “cultura do espírito” (BAITELLO, 1999, 2004) designa justamente a formação intelectual que passa pela filosofia, arte, ética e ciência, portanto, pelo próprio cinema. O substantivo *cultura*, também do latim, é associado ao cultivo da terra, à prática agrícola: “(...) no exato momento em que o cultivador passa a ser o alvo da ação de cultivo, o conceito é transposto à esfera humana, e, agora em um sentido figurativo, vai significar ‘cultura do espírito’” (BAITELLO, 1999, p.27).

O caminho que esse artigo se propõe é justamente trazer à tona a atual força, não exatamente dos voyeurs – afinal trata-se de uma psicopatia de diagnóstico muito específico –, mas talvez de sua representação, ou ainda de sua imagem midiática. Entende-se como mídia, as definições de Baitello (2006, 2010, 2014), como não sendo apenas os meios de massa ou

ainda meros aparelhos, mas também ao que passa pela escrita e pelas imagens–técnicas, o que comunica aos corpos, a oralidade, gestualidade, gustação, escuta e visibilidade. Em determinados momentos de sua pesquisa, Baitello (2014) se refere a Harry Pross quando afirma que a comunicação começa e termina no corpo, pensar os voyeurs e suas representações midiáticas a partir dessa ideia parece interessante, afinal a comunicação aí se dá em diversos níveis de ação e observação.

A *parafilia*, conhecida como voyeurismo, apesar de ser um conceito amplo e indicar diversas formas de voyeurismo, é responsável pela dependência e obsessão de um indivíduo pela vida e intimidade alheia, que acarreta em alguns casos na incapacidade do sujeito voyeur de viver normalmente na comunidade, precisando assim, se isolar para que consiga se satisfazer. Enquanto em outros casos, o indivíduo possui uma vida ativa e para satisfação sexual, observa o outro.

Em paralelo a isso, a representação no cinema nem sempre segue à risca todo este amplo conceito de voyeurismo e acaba se entregando aos clichês, estereótipos, ficções e raridades. Por conseguinte, podemos concluir que, quando é de interesse e objetivo final do filme retratar a cause e/ou efeito do voyeurismo em relação a alguma história, pessoa ou situação, a representação do abstrato para a tela segue fielmente a realidade. Mas como uma via de mão dupla e sendo um mecanismo onde a imaginação toma conta e tudo é permitido desde que convença o telespectador a entrar e participar daquela realidade representada, o cinema também faz uso de estereótipos para criar personagens a fim de alcançar os objetivos finais do projeto audiovisual.

REFERÊNCIAS:

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A Era da Iconofagia**. São Paulo: Paulus, 2014.

_____. **A serpente, a maçã e o holograma**. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. **A volatilização do sangue: tipografia e imagem mediática, jogos e guerras, animação e anestesia, orientação e ocidentação**. In: BAITELLO JUNIOR, Norval; GUIMARÃES, Luciano; MENEZES, José Eugênio (Org.) Os símbolos vivem mais que os homens. São Paulo: Annablume, 2006.

_____. **O animal que parou os relógios**. São Paulo: Annablume, 1999.

_____. **O espírito do nosso tempo: O presente crucificado**. In: CONTRERA, Malena; GUIMARÃES, Luciano; PELEGRINI, Milton (Org.) O espírito do nosso tempo: ensaios de semiótica da cultura e da mídia. São Paulo: Annablume, 2004.

_____. **O pensamento sentado**. São Leopoldo RS: Editora Unisinos, 2012.

CAUSO, Roberto de Sousa. **Ficção Científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro: teoria e prática**. São Paulo: Sumus Editorial, 2009.

DAMÁSIO, António. **O mistério da consciência**. 9ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GOMES, Gabriella; STERQUE, Dione. **Psicólogo afirma que todo mundo é um voyeur em potencial**. Santos: Online UNISANTA, 2002. Disponível em: <http://www.online.unisanta.br/2002/06-15/midia-1.htm>

MURIBECA, Mercês. As diferenças que nos constituem e as perversões que nos diferenciam. In: **Estudos de Psicanálise**. Aracaju – n. 32 – p.117-128 – Novembro, 2009. Disponível em: <http://www.cbp.org.br/perversoesdiferenciam.pdf>

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

_____. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 1992.

STANISLAVSKI, Constantin. **A Construção do Personagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. 18ª edição.

FILMOGRAFIA:

COPPOLA, Francis Ford de. **A conversação** (1974).

DONNERSMARCK, Florian Henckel von. **A vida dos outros** (1983).

HANEKE, Michael. **Caché** (2005).

HITCHCOCK, Alfred. **Janela Indiscreta** (1954).

LECONTE, Patrice. **Um homem meio esquisito** (1989).

LOOP, Jonah. **Arena** (2011).

PALMA, Brian. **Um tiro na noite** (1981).

POWELL, Michel. **Tortura do medo** (1960)

VIGAS, Lorenzo. **De longe te observo** (2016).

WIPER, Scott. **Os Condenados** (2007).